

AS MARCAS DA LIBERDADE: COMPREENDENDO OS ASPECTOS IDENTITÁRIOS DE GÊNERO E RAÇA DA IRMANDADE DA BOA MORTE DE CACHOEIRA - BA

Débora Araújo Leal; Delvanês Araújo Leal.

Pedagoga na Universidade Estadual de Feira de Santana- BA e Professora da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana-BA; delleal8@hotmail.com; Professora da Rede Municipal de Ensino de Santo Estevão e Ipecaetá-BA; uefs29@hotmail.com.

Resumo

Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de História da Universidade do Estado da Bahia. O objetivo é discorrer sobre a Irmandade da Boa Morte, compreendendo os aspectos de gênero e raça a qual emana o enriquecimento cultural da cidade de Cachoeira, as diversidades e o valor de suas peculiaridades no tocante aos processos de formação de identidade, para a construção de uma cidadania mais crítica e mais participativa, denotando um compromisso com a história da Irmandade, para manter viva a memória de seus antepassados, trazendo aos dias atuais suas contribuições, trazidas nas manifestações pelos ideais e ações manifestadas através do trabalho, arte, política e religião, dentre outras tantas possibilidades de dissipar a cultura dentro da sociedade. Analisa-se o processo de identidade e etnia da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, a valorização dessas raízes promove a continuidade da história cachoeirense, levando em consideração o elo que liga o passado e o presente. No percurso metodológico lançamos mãos da história oral. A que é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida da história contemporânea, obtida através da interação do pesquisador com um ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão de um grupo, de uma instituição, de um movimento ou da sociedade. Por fim nota-se a intrínseca relação existente presente nas vozes das componentes da IBM com o empoderamento no tocante as discussões atuais de gênero e raça.

Palavras-chave: Irmandade da Boa Morte, Gênero, Raça.

Introdução

A temática apresentada neste estudo, sobre a Irmandade da Boa Morte caracteriza-se pela complexidade, devido à ausência de fontes documentais em vista do referencial sócio histórico e cultural em que se qualificam as narrações das mulheres negras pertencentes a este grupo na cidade de Cachoeira na Bahia. Assim adquirir conhecimentos sobre os tesouros espalhados nas ruas, da pequena cidade baiana detentora de uma das manifestações culturais mais ricas do país foi o ponto de partida para a realização deste estudo.

A aproximação com a Irmandade ocorreu através do contato com algumas mulheres pertencente ao grupo da Boa morte, durante a graduação de pedagogia na disciplina de Antropologia e na abordagem da temática no Projeto de extensão sobre Cinema, Subjetividade, Cultura e Poder, o que despertou a curiosidade de investigar sobre a importância cultural deste grupo na sociedade, pode-se inferir que a riqueza da Irmandade está presente na composição do

patrimônio material da Bahia e também do Brasil.

Assim pretende-se com este estudo contribuir para manter vivo o processo de enriquecimento cultural da cidade de Cachoeira, as diversidades e o valor de suas peculiaridades no tocante aos processos de formação de identidade, para a construção de uma cidadania mais crítica e mais participativa. De acordo com Silva (2000):

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós (SILVA, 2000, p.33).

A memória construída socialmente muitas vezes se perde quando não se dá a devida atenção à documentação, os monumentos e aos costumes locais. A preservação da memória sempre foi um desafio para o historiador, portanto, registrá-la é buscar elementos para a construção de uma identidade. Para Le Goff (1994), tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. “O esquecimento e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória construída socialmente.” A memória tem o poder de selecionar segundo os anseios individuais e coletivos do presente, os fatos que devem e podem ser lembrados e ou esquecidos.

De acordo com Mussara (2005), de todos os tesouros que preserva espalhados em suas ruas, a pequena cidade baiana de Cachoeira é detentora de uma das manifestações culturais mais ricas do país. A festa de Nossa Senhora da Boa Morte, realizada em quinze de agosto, mais do que uma simples comemoração é um convite para ingressar num mundo onde cultura, tradição, história e magia convivem e se confundem. Situada na região do recôncavo baiano, para Castro (2005), umas das principais importâncias históricas da cidade de Cachoeira advém do seu nascimento ocorrido a partir de um engenho de açúcar, no século XVI, devido à fertilidade do seu solo e ao intenso comércio, foi um dos principais polos econômicos da Bahia até o século XIX.

Do seu apogeu do período da cana de açúcar Cachoeira ainda conserva algumas tradições, a festa de Nossa Senhora da Boa Morte é uma delas. Participar dessa cerimônia é mergulhar no passado e reviver os tempos do Brasil Colônia, do Império e do país independente, mas ainda escravocrata devido às várias formas de trabalho escravo existentes no país. Sendo assim, percorrer uma paisagem onde a energia dos escravos mortos e torturados ainda ecoa, é desvendar aquele que

talvez seja o primeiro movimento feminista¹ negro do país.

De acordo com Castro (2005), a Irmandade da boa Morte é uma organização de mulheres negras que a sua maneira resistiu e se rebelou contra os sofrimentos impostos pelo regime escravagista, desde a jornada diária de trabalho dezoito horas nas lavouras, aos castigos e mutilações, como o corte dos tendões das fujonas, os açoites em público, os grilhões e brasas em seus rostos, a extração e quebra dos dentes a frio e o corte de orelhas e línguas daqueles considerados mais afoitos, sem falar nos abusos sexuais.

Nas discussões sobre o conceito de identidade, está imbricada a concepção de indivíduo e de sociedade, e as vivências culturais que se configuram em cada época. Assim, pode se ter uma concepção de identidade unificada e estável, ou interativa ou ainda flexível e provisória. Desta forma, de acordo com Hall (1997), há pelo menos três concepções de identidade: identidade do sujeito do iluminismo, identidade do sujeito sociológico e identidade do sujeito em temporalidades distintas.

Assim, o autor supracitado, revela que,

O sujeito do iluminismo tinha por base uma pessoa humana centrada, dotada de capacidade de razão, de consciência e de ação, que consistia num núcleo interior que se manifestava no nascimento, se desenvolvia no indivíduo, mas permanecia fixa ao longo da existência do indivíduo. Já o sujeito sociológico considera que esse núcleo interior do sujeito não é autônomo e alto-suficiente, mas se forma na relação com outras pessoas, na interrelação entre o eu e a sociedade. O “eu real” é formado e modificado num diálogo entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL 1997, p.17).

Para a concepção de sujeito pós-moderno, o indivíduo compõem-se de várias identidades, as identidades são provisórias, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, podendo haver identidades contraditórias que se deslocam. Para este trabalho será utilizado a concepção sociológica de identidade, proposta por Hall (1997), por entender que mais se aproxima da discussão proposta. Assim sendo, compreende-se que as semelhanças e diferenças entre os membros de um determinado grupo, as relações com o outro no contexto social, são fatores importantes para a construção das identidades de um indivíduo ou de um grupo.

Com relação à identidade de gênero é possível entender que esta é plural e está em constante transformação. O gênero é uma construção social, o qual sofre alterações de acordo com as épocas e

1 De acordo com Beauvoir, (1980), os movimentos feministas são, sobretudo, movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, isto é, garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. Além disso, os movimentos feministas são movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. No que se refere aos seus direitos, não deve haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas.

lugares, dependendo dos costumes, das experiências cotidianas, variando de acordo com as leis, as religiões, o ambiente da vida familiar, a visão política de cada povo ao longo da história (Hall, 1997, p 41). Para Louro (1997), gênero refere-se às construções sociais com base nas diferenças sexuais que determinam o papel que se atribui às mulheres e homens numa cultura específica, sendo dinâmico e está centrado nas relações de poder entre homens e mulheres. Permite determinar as desigualdades entre homens e mulheres em todos os âmbitos, e está baseado num processo pedagógico que inicia na família, nas comunidades, na escola e nos meios de comunicação, e que chamamos de socialização de gênero.

Tanto as identidades de gênero quanto as identidades de raça podem ser caracterizadas pela instabilidade, sendo, portanto, passíveis de transformações. Desta forma, torna-se temerário estabelecer um momento determinado para que as identidades de gênero e as identidades sexuais sejam “instaladas” ou “assentadas” nos indivíduos (Louro 1997). Neste sentido, notamos que a Irmandade da Boa Morte como tradição perpassou séculos e gerações e ainda em atividade pode ser compreendida como legado cultural, uma vez que transmite às novas gerações parte de seus conhecimentos, história, tradição e costumes. Sendo assim, é elemento identitário mantenedor da memória (Barreto, 2000).

Para esta investigação, também serão considerados estudos sobre tradição segundo a qual, algumas tradições estão fincadas em critérios como repetição e invariabilidade (Hobsbawn, 1997). Considerando que a Irmandade da Boa Morte absorveu e adaptaram-se ao fenômeno da massificação turística, os aspectos tradicionais se mantiveram consideravelmente e possui suas identidades de gênero e raça construída no legado feminista e, sobretudo, mulheres negras. Assim sendo, o estudo sobre a Irmandade da Boa Morte, com este legado histórico social pode contribuir para que vários temas sejam abordados nos espaços educativos e para compreensão da beleza de vivermos em um país plural.

Metodologia

Para se compreender a singularidade da temática sobre a Irmandade da Boa Morte, adotaram-se as concepções teóricas da metodologia qualitativa por esta permitir uma melhor compreensão da realidade social do objeto em questão através da História Oral. Os discursos, as conversas telefônicas, as conferências ou qualquer outro tipo de comunicação humana que pode ser gravada, transcrita e preservada como fonte primária para o uso futuro da comunidade científica pode ser denominada de História Oral.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Para Meihy (2007),

A memória está empenhada e integrada com o presente, com atitudes, perspectivas e compreensões que mudam. O que é capturado pela História Oral é um segmento da experiência humana, no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro desconhecido e aberto. (MEIHY 2007, p. 17).

Portanto, a História Oral é um recurso metodológico de coleta baseado no depoimento oral, gravado, obtido através da interação do pesquisador com um ator social ou testemunha de acontecimentos relevantes para a compreensão de um grupo, de uma instituição, de um movimento ou mesmo da sociedade. Para Carr (1985),

...Nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. Nada disso significa alguma coisa, até que o historiador trabalhe sobre esse material e decifre-o. (CARR 1985, p 85).

Nesse sentido pode-se afirmar que a história oral tem a finalidade de complementar os documentos escritos. E é multirreferencial, pois é interessante para historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

Toda e qualquer construção científica é humana em sua natureza, uma vez que é resultante da atividade dos seres humanos de buscar conhecer com maior certeza e acuidade, apesar de todas as dificuldades existentes neste esforço construtivo e que nem sempre social do objeto em questão, e particularmente do objetivo torna tais certezas possíveis, conforme bem ilustra Macedo (2000):

...há uma diferença básica entre as estruturas do mundo social e do natural: no social a realidade é dificilmente mensurável e a experimentação é quase impossível, onde o pesquisador atua utilizando-se de métodos compreensivos. Assim os fenômenos que não prestam a uma fácil quantificação são os mais apropriados para serem analisados pelos métodos e procedimentos da pesquisa qualitativa que, diferentemente da pesquisa quantitativa, busca uma compreensão particular daquilo que estuda... (MACEDO, 2000, p.97).

Desta forma, os métodos de pesquisa devem ser selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma compatibilidade com a natureza do fenômeno estudado. Para dar conta deste processo investigativo utilizamos como instrumentos de coleta de dados a entrevista e o questionário, uma vez que buscam valorizar nos relatos das entrevistadas os significados de natureza subjetiva e coletiva, os quais são complexos e passíveis de modificações.

Resultados e Discussão

No diálogo com as irmãs fora passado os nomes e a quantidade das mesmas e as respectivas cidades residências do recôncavo baiano conforme ilustra o quadro 1 e as figuras 1 e 2. Utilizamos os nomes reais das irmãs de acordo as autorizações estabelecidas com as mesmas no termo de consentimento livre e esclarecido e termo de uso da imagem.

Quadro 01: Quantidade, nomes e cidades residências das irmãs.

Nº	NOMES DAS IRMÃS	CIDADES RESIDENCIAS
01	Dadi	Muritiba
02	Nilza	Muritiba
03	Maria	Cruz das Almas
04	Marião	Governador Mangabeira
05	Lindauro	Belém
06	Remildes	Muritiba
07	Dalva	Cachoeira
08	Inha	Maragogipe
09	Agda	São Félix
10	Ademildes	São Félix
11	Zelita	São Félix
12	Floricéia (Flor)	Fortaleza - CENenel
13	Nenel	Governador Mangabeira
14	Anagilda	São Félix
15	Leo	Cachoeira
16	Edite	Cachoeira
17	Maria Limeu	Cruz das Almas
18	Roquinha	Governador Mangabeira
19	Roquinéia	Cachoeira
20	Maria do Amparo	Cachoeira
21	Nazinha	Muritiba
22	Maria Filhina	Cachoeira

Fonte: Arquivo pessoal da IBM, (Agosto/2012)

Figura 01: Irmandade da Boa Morte – Cachoeira-BA



Fonte: Fotografia Débora Leal junho/2013

Figura 02: Casarão da Irmandade da Boa Morte – Cachoeira-BA



O envolvimento das irmãs com a religiosidade afro-brasileira pode ser facilmente compreendido por quem adentra

a sede da Irmandade da Boa Morte e encontra em uma das paredes um quadro com a seguinte (auto) definição: “Organização privativa de mulheres com vínculos étnicos, religiosos e sociais, também unidas por parentescos consanguíneos ou de fé, deixando fluir a maneira afro-brasileira de crer”.

Para a irmã Zelita de 53 anos há relevante presença do Candomblé se dá não somente na organização e hierarquização da Irmandade,

O culto ao Candomblé se dá sobretudo em muitos aspectos relacionados à nossa própria Festa, através da devoção, da ceia e do nosso vestuário. Agora das irmãs responsáveis pela criação da Irmandade da Boa Morte, resta pouca documentação. (Irmã Zelita, jun, 2013).

Há informações no sentido de as primeiras irmãs terem sido africanas alforriadas predominância da nação Ketu (REIS, 1991), que detinham relativa condição financeira e, por tal, logo foram apelidadas de negras do partido alto. De acordo com a juíza perpetua Maria a Irmandade da Boa Morte foi criada por um grupo de senhoras que tinham amealhado algum numerário, que

moravam ou se encontravam na Barroquinha e souberam praticar, com destreza, duas religiões tão distantes em seus princípios e práticas. Na fala da juíza é notório que,

Desde a fundação da Irmandade, para ser uma irmã da Boa Morte, devia-se seguir alguns preceitos e pré-requisitos. Assim como no candomblé, a senhoria é um deles. A candidata à irmã para ser admitida deve ter acima de 40/50 anos, pois, além da experiência já adquirida, já não goza de tantos desejos carnavais que possam ‘manchar’ a sua integridade e bom relacionamento com Nossa Senhora. (Irmã Maria juíza perpétua).

Para Reis (1991, p. 10), já afirmava que “... já velhas, viúvas ou sem nenhum outro interesse material, diria sexual, podem consagrar com maior força sua devoção de irmãs, como um verdadeiro voto casto de religiosidade”. Antigamente, a aceitação de uma nova irmã no quadro da Irmandade se dava mediante laços de parentesco com uma irmã mais antiga, que a indicava para que passasse pelo estágio de observação conhecida como irmã de bolsa.

Na fala da juíza perpétua é notório que atualmente, já não há tal exigência; o que garante a aceitação é o vínculo com o Candomblé, além da observância dos preceitos da entidade e da conduta ilibada da proponente. A hierarquia na Irmandade da Boa Morte também respeita a organização deixada pelas irmãs anteriores. Os postos ou cargos assim se distinguem: irmãs-de-bolsa (em fase de observação), irmãs, tesoureira, provedora, procuradora-geral, escritã e juíza perpétua. A designação para os cargos se dá através de eleição anual, sempre realizada no mês de setembro.

De acordo com Irmã Dalva,

Às irmãs de bolsa, no estágio inicial dentro da Irmandade, cheias de limites e sob constante observação por parte das componentes mais antigas, cabe a função de ajudar as outras irmãs nas suas atividades, principalmente às que se referem à organização e realização da Festa anual da instituição. A juíza perpétua é a guardiã da entidade, seus segredos, princípios e organização. Tem autonomia suficiente para reprovar uma comissão, exonerar uma irmã que tenha desrespeitado gravemente a instituição ou alguma de suas irmãs. Cargo máximo da hierarquia da Irmandade. (Irmã Dalva).

Observa-se nas falas das irmãs que a devoção à Nossa Senhora da Boa Morte e sua Assunção aos Céus convive com a participação no culto aos Orixás. Segundo observação feita em campo, parece haver um reiterado respeito com relação às duas filiações religiosas. Sem mostrar grande concernimento no que se refere a dogmas ou preceitos e preconceitos, a Irmandade construiu sua história devidamente amparada na dupla pertença.

Guimarães 2001, afirma que:

Os africanos anteciparam o que é explicado por alguns autores como uma característica do chamado mundo moderno, que invade aos poucos as religiões, ou os modelos religiosos tornaram-se inautênticos. Verdade é que a dupla pertença surge sempre para desmascarar e ameaçar os modelos religiosos universais e totalizantes. (GUIMARÃES, 2001, p. 86),

Esta religiosidade sincrética é um dos requisitos para a aceitação na Irmandade da Boa Morte. A secular Irmandade da Boa Morte possui aspectos tradicionais que referendam a sua situação de um dos mais relevantes ícones do patrimônio cultural nacional.

A tradição, neste estudo, como transmissão ‘invariável e repetitiva’ de elementos e costumes de uma dada sociedade (Hobsbawn, 1997). As próprias irmãs se encarregam de “fiscalizar” e preservar o tradicional em situações tanto dentro, quanto fora da Festa. A invariabilidade que a Irmandade procura é aquela que possibilita a identificação, o pertencimento e reprodução de sua história através da reencenação de seus ritos.

Portanto, as irmãs seguem e repetem o que suas antecessoras começaram, assim como, firmam novas parcerias com a modernidade sem a descaracterização de suas dinâmicas. No vestuário, na música, na dança, nas joias e adereços, no cumprimentar das senhoras, no ato de comer com as mãos, no olhar que observa as irmãs de bolsa, nas procissões, no brasão talhado, na dupla-pertença religiosa, o tradicional está presente.

Neste sentido, se a pós-modernidade vem produzindo um sujeito sem “identidade unificada” (Hall, 1997), fragmentado, múltiplo, sem essência, o quanto é válido para o Recôncavo baiano uma irmandade de senhoras negras, que cultuam a religiosidade católica e os orixás concomitantemente e fazem desta interface a própria mola propulsora de sua prosperidade, arrancando aplausos de públicos brasileiro e internacional, são merecedoras de admiração de observadores das mais variadas procedências e extrações sociais.

No entrelaçar de vozes questionamos sobre o porquê do nome Boa Morte e os aspectos de liberdade presentes na mesma, sabiamente a juíza perpétua afirma que:

A visão sobre a morte que mais ganha conotação nos dias da Festa pública é a explicação judaico-cristã. Segundo esta, o ato de “bem morrer”, ou Boa Morte, refere-se à elevação aos céus de Nossa Senhora. No Oriente, este acontecimento ganha o título de Dormição; no Ocidente latino, de Assunção. A Assunção ou Dormição corresponde ao fenômeno da transcendência, da elevação espiritual de Nossa Senhora. Tal fato nos protegeu de alguns inconvenientes reservados aos mortais, de certa forma nos deu liberdade, como as fases de decomposição e putrefação do corpo. (Maria Juíza perpétua).

Assim sendo, pesquisar a Festa enquanto dinâmica polissêmica é, antes de tudo, pesquisar a própria condição humana.

Quadro 02: Cronograma e Ritos da Festa

Cronograma	Rito Significado	Atividade(s)
Primeiro dia	Primeiro Morte de Nossa Senhora	Missa, Procissão e Ceia
Segundo dia Segundo	Enterro Missa	Procissão Religiosa
Terceiro dia	Assunção e Glória Missa	Procissão, Ceia e Samba de Roda
Quarto dia	Não há Festa	Samba de Roda, Ceia e feijoada
Quinto dia	Não há Festa	Samba de Roda, Ceia, Caruru e Mungunzá

Fonte: Irmandade da Boa Morte

De acordo com a Irmandade da Boa Morte no cronograma da Festa, os três ritos fundamentais estão organizados nos três primeiros dias, respeitando e seguindo a tradição deixada pelas irmãs que fundaram a Irmandade. Para irmã Maria cada dia tem um significado próprio:

Primeiro dia, por volta das dezoito horas, acontece uma missa em Ação de Graças pelas irmãs falecidas e pela Morte de Nossa Senhora. É o início da Festa e constitui-se como o primeiro rito. Logo após a missa, um cortejo sai pelas principais ruas da cidade com o acompanhamento musical das filarmônicas locais. O segundo dia está reservado para a Missa de Corpo Presente na Capela da nossa Irmandade, situada ao lado da Sede. Logo após, uma procissão sai pelas ruas acompanhada da(s) filarmônica(s) e do povo em geral. No terceiro dia, comemora-se a Assunção de Nossa Senhora. É quando há a confirmação de que Nossa Senhora da Boa Morte subiu aos Céus e encontra-se ao lado do grande Pai. Neste dia, a programação começa com uma Alvorada às seis horas da manhã, seguida de Missa na Capela da Irmandade pela Assunção da Santa – neste dia Nossa Senhora da Boa Morte ou Glória está elevada, após a reza, nós e a(s) filarmônica(s) com destaque a daqui de Cachoeira: Minerva saem em procissão pelas ruas vizinhas à sede da Irmandade, sempre acompanhadas por uma respeitável quantidade de pessoas. Ao meio-dia, é servido o almoço para as nós e os convidados. É o início da Festa profana. Já não há mais luto neste momento. É também neste dia que empossamos a Comissão Organizadora da Festa do ano seguinte. (Irmã Maria).

Pode-se afirmar que a Festa da Irmandade da Boa Morte se configura na definição de espetáculo como não sendo um “conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Barreto, 2000, p. 14).

Nota-se, nos diálogos que a partir da década de 1970, a intervenção de diversos agentes foi relevante na reestruturação da Irmandade da Boa Morte e sua Festa. De forma direta, visavam ao apoio, divulgação e auxílio à Confraria, mediante a revitalização de sua Festa. De um lado, a

comunidade, formada por pessoas simples de Cachoeira, Salvador e demais localidades, que à época residiam ou tinham proximidade com o Recôncavo e a Irmandade. Do outro, artistas e personalidades destacadas que, ao conhecerem a Boa Morte e suas necessidades, tornaram-se solidários a mesma.

Conclusões

Pensar sobre a relevância da Irmandade da Boa Morte para a história local e também de todo o recôncavo baiano requer do historiador um compromisso ético e pedagógico, para com as pessoas que talvez represente o primeiro movimento feminista no país. Neste cenário de dupla pertença religiosa entrelaçada nas ações e nas falas das irmãs, representada através do catolicismo e do candomblé, é uma verdadeira encenação de gênero e raça permeada pela diversidade.

Todavia, a riqueza da IBM não está apenas no seu legado cultural, mas, sobretudo no exemplo de luta e de conquista da liberdade tão requisitada no período da escravidão aos dias atuais. O surgimento da irmandade representa um símbolo de ação de mulheres negras que pregam valores afros descendentes.

Neste cenário, de religiosidade a festa da IBM representa para Cachoeira um patrimônio histórico que recebe em seu berço esplêndido turistas de todo Brasil e do mundo. No entrelaçar de vozes as irmãs explicam sabiamente sobre a fundação da IBM e da própria nomenclatura, para elas o “bom morrer” está relacionado com a contemplação aos céus e o encontro com Nossa Senhora.

Nota-se, que o turismo em torno da IBM é muito grande, porém a falta de recursos por parte do Poder Público para investir neste patrimônio, recentemente o casarão está passando por reformas para festa que acontecerá em meados de agosto do corrente ano, estes recursos são provenientes de instituições públicas e privadas e artistas que são solidários a IBM.

Entretanto, pôde-se perceber que tanto a Irmandade da Boa Morte como sua dinâmica aqui investigada carecem de “acompanhamento” profissional que, antes de publicizá-la, pudesse compreendê-la, a fim de melhor situá-la perante suas necessidades e sua relevância sócio-histórico-cultural. As necessidades da Irmandade secular de mulheres negras de Cachoeira vão além de recursos financeiros. O prestígio da entidade e a repercussão midiática de sua Festa em boa parte do mundo produzem desdobramentos ainda inexplorados e sistematizados academicamente ainda que seja potencial a presença do turismo científico na Festa.

Por fim nota-se a intrínseca relação existente presente nas vozes das componentes da IBM com o empoderamento presente nos movimentos feministas e com a cultura local através de projetos, feiras de culturas e respeito às demais religiosidades. Conhecer e fazer história são algo imensurável. Mas tratando de uma investigação planejada, um estudo em profundidade, visando a obter o máximo possível de informação que nos permitissem ampliar o conhecimento e fazer novas descobertas.

Referências

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas, SP: Papirus, 2000;

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980;

CARR, Eduard Hallet. **Que é história?** 4 ed. São Paulo: Terra e Paz, 1985;

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da Festa em Cachoeira, Bahia**. Ilhéus (BA): UESC, 2005;

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos)**. São Paulo: FTD, 2001;

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997;

HOBSBAWM, Eric.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e terra, 1997;

LE GOFF, J. **Memória**. In: Enciclopédia Einaudi, volume I. Porto Alegre, 1994;

LOURO, Guacira Lopes. A Construção Escolar das Diferenças. **In: Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997;

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Ed.UFBA, 2000;

MEIHY, José Carlos S. B. & HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 1.ed. São Paulo: Contexto 2007;

MUSSARA, Fabíola, **Revista Planeta**. Agosto/ 2005;

REIS, João José. **Aprender a raça**. Veja, São Paulo, edição especial: 25 anos: reflexões para o futuro, 1991.